

ÁGORA

Antes mesmo de atravessarem a porta, a cada vez que estava prestes a cruzá-la, agarrava-se à mão de quem a acompanhava. Sempre. Como quem pedia para que a salvassem de pular do décimo andar de um prédio qualquer, ou de uma ponte sobre um rio gelado, talvez de uma falésia ante pedras à beira mar. Agarrava-se à mão da pessoa vizinha não com força, até por poder-se dizer que não a tinha tanta, mas com vontade, com bravura. Agarrava-se à outra mão como se fosse o último fio condutor à vida, a corda de salvação numa correnteza bravia. Como se para respirar dependesse daquele ato inusitado. Como se para permanecer indivisível.

Não sabia precisar como lhe arrancara o controle aquele avassalador sentimento de solidão que a espreitava por detrás da porta da rua. Quando se instalou em seu corpo aquele medo déspota de perder-se em ruas que conhecia tão bem. Ruas que abrigaram sua infância feliz, que eram quase integrantes de si. As mesmas ruas que escreveram insígnias em sua pele, que já lhe foram abrigo, e hoje se impunham como ameaça. É como se ao passar por aquela porta, lhe sumisse metade si. Era talvez o sentimento mais próximo de explicar o que lhe tomava o corpo. Perdia metade ao dar-se às ruas. É difícil equilibrar-se sendo apenas metade. É difícil respirar sendo-se apenas metade. É difícil ser-se sendo apenas metade.

Não sabia quem lhe havia surgido primeiro, esse medo abissal das ruas ou uns sonhos longínquos em que ela se perdia entre pessoas, ou entre plantas, ou entre coisas. Não sabia se os sonhos nasciam do medo, ou se o medo nascera dos sonhos. Não vislumbrava quem conduzia quem nessa dança mórbida no salão de seu peito. Nos sonhos, ela era quase sempre criança. Nos sonhos, quase nunca havia sol pleno, como convencional nos sonhos, as cores eram esbranquiçadas, o céu era branco, ou de um azul quase insignificante, lavado. Nos sonhos ela tentava com todas as suas forças agarrar-se a uma mão que invariavelmente ia perdendo força. Lentamente a mão que a guiava ia se abrindo. Ia como se amolecendo, desfazendo-se. Ela utilizava de todas as suas forças, suas mãozinhas tentavam manter-se ligadas àqueles dedos inertes, usava toda a força de seu corpo mínimo, mas havia sempre uma força que a arrastava, que lhe obrigava a manter o passo numa direção, num ritmo, diferente do da mão que lhe guiava. Às vezes essa força de arrasto se definia em um repentino e incontido fluxo de passantes, pessoas sem rostos, sem sons, com uma calma urgente. Por vezes vinha como uma força invisível e indescritível, era como se o tempo se liquefizesse e escorresse justamente na viela em que andava. Uma força volumosa que impelia todo seu corpo mantendo-lhe o equilíbrio. Uma força volumosa e intransponível que a mantinha andando a pulso. Uma força que não cessa até que ela largue a mão salvadora. E quando desprovida, quando só, a força se esvaziava, as pessoas passavam, o ar se tornava rarefeito, ela se via só e perdida. Não reconhecia as paredes, nem as pessoas, não reconhecia as plantas, nem os cheiros, nem as ruas. Gritava, sentia que gritava, mas não havia som. As palavras não flutuavam. Gritava em silêncio. Um silêncio estarrecedor. Um silêncio opressor. Punha-se a correr, e mesmo que se visse se deslocando, e mesmo que corresse incansável, nada mudava. As árvores eram desconhecidas, as paredes eram desconhecidas, as

peessoas não tinham rostos e a ignoravam, as ruas não tinham saída, ou a levavam sempre ao mesmo lugar.

Acordava antes de ser encontrada. Ou de se encontrar. Acordava normalmente exausta e banhada em suor. Normalmente arregalava os olhos de supetão e se via em seu mesmo quarto, em sua mesma cama. Se via na segurança implacável de seu abrigo. Normalmente demorava a pôr-se de pé, exausta que estava, demorava a recuperar o fôlego. Andava, mas ainda ia encostando-se às paredes, respirando, o sonho ainda tomando conta de seus olhos. A sensação de solidão inundando seu peito. Retomava aos poucos o controle de si. Erguia-se, lavava o rosto. Carregaria a vida nas costas naquele dia, independente dos sonhos. Como o tempo liquefeito dos sonhos, as horas escorriam velozes e a empurravam para a frente, o sol feria-lhe os olhos, o calor a derretia.

Agora, enfrentando o dia vivo, ela precisa atravessar a porta. Ela era empurrada pela mesma força invisível dos sonhos. Agarrava a mão de quem a tivesse pelo lado, enchia o peito, enrijecia as feições, ensaiava alguns passos. Partia. Andava com uma certa pressa e alerta. Vencia obstáculos resoluta, pisava o chão como que para marcar a trilha de volta. Não olhava as pessoas, não olhava o rosto das pessoas. Fixava a vista em um ponto distante que nunca seria alcançado. Fixava o olhar no horizonte possível. Ajustava o ponto de fuga a cada curva necessária, a cada esquina dobrada. Resoluta e em silêncio, atravessa as ruas, entra nas lojas. Tudo com a pressa de quem mantém apneia. Tudo expedito, tudo o mínimo. Talvez quando se percebia no caminho de volta, peito se aliviando, sentia-se como o mergulhador que solta infinitas bolhas quando próximo à superfície. Talvez sentisse um prazer desmesurado. Talvez sentisse apenas o alívio possível. Alívio, o prazer de não doer mais. Como se a dor fosse uma mola comprimida que quando soltamos nos permite um voo leve e breve. Um voo que permite entender que pode ser bom apenas não doer. Pode ser bom só ser.

Entrava em casa como que se dar a um deus, como que se dar à morte. Entrava em casa como quase de volta a si. Dava-se de novo a seu abrigo resoluta. Dava-se de novo à sua solidão inaudita. Era em si, só. E sabia ser só. Nos braços silenciosos da casa, podia retomar o fôlego, podia se dar ao desfrute do silêncio. Ali era segura. Era ela.